ÉDIPO REI

de Sófocles
(496 aC – 406 aC)

Resumo da Narrativa

Parte mais conhecida da "Trilogia Tebana" (Édipo Rei – Édipo em Colono – Antígona), "Édipo Rei" ou "Édipo Tirano", como é às vezes traduzido, foi encenada depois de "Antígona", teoricamente a parte final. Apresentada pela primeira vez em 430 aC, em plena era de Péricles e sob a epidemia de peste que assolava Atenas, disseminada pela guerra do Peloponeso, a peça conquistou apenas o segundo lugar nos festivais de Dionísio.

Apesar disso, há certa concordância entre os críticos literários em atribuir à peça de Sófocles o lugar mais alto entre as tragédias gregas por causa de sua incisividade dramática e impacto sobre a posteridade. Otto Maria Carpeaux vê em Sófocles um *"grandíssimo artista"* com capacidade de construir personagens com os quais o homem moderno certamente é capaz de se identificar, como Édipo ou Antígona. Sobre a construção dramática de "Édipo Rei", Carpeaux diz tratar-se de uma maestria quase sem par.

Como em todas as peças gregas, o enredo da história é sempre conhecido pelo público que assiste aos festivais de Dionísio. Os funerais de Édipo, de fato, são mencionados na "Ilíada":

> *"Alça-se apenas Euríalo, o herói de presença divina,*
> *de Mecisteu descendente, o famoso e viril*
> *Talaiônida, que certa vez foi a Tebas e a*
> *todos os filhos de Cadmo nos jogos fúnebres*
> *de Édipo audaz e glorioso vencera."* (canto XXIII, 677-680)[1]

e a trama na "Odisséia", quando da visita de Odisseu ao Hades e de seu encontro com Epicasta (Jocasta):

> *"Vi, depois dela, a mãe de Édipo, a bela*
> *rainha Epicasta, a quem o filho, assassino*
> *do pai, por esposa tomara."* (canto XI, 271-272)[2]

Além de Sófocles, a história de Édipo foi representada por Ésquilo na sua trilogia tebana (Laio – Édipo – Sete contra Tebas) de que só chegou a nós "Sete contra Tebas".

No mundo moderno, a peça notabilizou-se pelo uso simbólico que a ele deu o doutor Freud, localizando na tragédia de Édipo a metáfora do "complexo de Édipo"[3], embora a obra propriamente dita não justifique qualquer conclusão a respeito. Édipo não tem complexo de Édipo.

---

1. In Homero, "Ilíada", tradução de Carlos Alberto Nunes, Ediouro, Rio de Janeiro, 2005, s/edição, p.517.
2. In Homero, "Odisséia", tradução de Carlos Alberto Nunes, Ediouro, Rio de Janeiro, 2002, 5ª edição, p.197.
3. "Essa descoberta é confirmada por uma lenda da Antigüidade clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome." (In Freud, Sigmund, "A Interpretação dos Sonhos", Imago Editora, Rio de Janeiro, 1987, 2ª edição, vol.I, p.256).

A peça começa quando os cidadãos de Tebas suplicam nas escadarias dos altares para que os deuses cancelem a peste que assola a cidade. Partindo deste ponto, a peça progride para a crescente revelação dos acontecimentos que puseram a cidade de joelhos.

Édipo, rei de Tebas, dirige-se aos suplicantes, populares que se postam ajoelhados nos degraus dos sete altares correspondentes a cada porta da cidadela de Tebas.

> "ÉDIPO
> *Por que essa atitude? Que receio tendes?*
> *Que pretendeis? Apresso-me em assegurar-vos*
> *que meu intuito é socorrer-vos plenamente;*
> *se não me sensibilizassem vossas súplicas*
> *eu estaria então imune a qualquer dor."* (pág.19)

O sacerdote de Zeus adianta-se e comunica ao Rei as desgraças da cidade.

> "SACERDOTE
> *Tebas, de fato, como podes ver tu mesmo,*
> *Hoje se encontra totalmente transtornada*
> *E nem consegue erguer do abismo ingente de ondas*
> *sanguinolentas e desalentada fronte;*
> *ela se extingue nos germes antes fecundos*
> *da terra, morre nos rebanhos antes múltiplos*
> *e nos abortos das mulheres, tudo estéril.*
> *A divindade portadora do flagelo*
> *da febre flamejante ataca esta cidade;*
> *é a pavorosa peste que dizima a gente*
> *e a terra de Cadmo antigo, e o Hades lúgubre*
> *transborda de nossos gemidos e soluços."* (pág.20)

O Sacerdote pede a Édipo ajuda, lembrando-o de seus feitos passados.

> "SACERDOTE
> *Outrora libertaste a terra do rei Cadmo*
> *do bárbaro tributo que nos era imposto*
> *pela cruel cantora*[4]*, sem qualquer ajuda*
> *e sem ensinamento algum de nossa parte;*
> *auxiliado por um deus, como dizemos*
> *e cremos todos, devolveste-nos a vida.*
> *E agora, Édipo, senhor onipotente,*
> *viemos todos implorar-te, suplicar-te:*
> *busca, descobre, indica-nos a salvação,*
> *seja por meio de mensagens de algum deus,*
> *seja mediante a ajuda de um simples mortal,*
> *pois vejo que os conselhos de homens mais vividos*
> *são muitas vezes oportunos e eficazes.*
> *Vamos, mortal melhor que todos, exortamos-te:*
> *Livra nossa cidade novamente! Vamos!"* (págs.20-21)

Édipo tenta acalmar o povo, dizendo já ter tomado a providência de mandar seu cunhado, Creonte, consultar Apolo em Delfos.

> "ÉDIPO
> *Veio-me à mente apenas uma solução,*
> *que logo pus em prática: mandei Creonte,*

---

4. Nota do resumidor – Trata-se da esfinge monstro que propunha enigmas e devorava aqueles que não os conseguiam resolver. O enigma que Édipo teria resolvido é o seguinte: "Que animal anda de manhã com quatro patas, ao meio-dia com duas e ao entardecer com três?"

filho de Meneceu, irmão de minha esposa,
ao santuário *pítico* *do augusto Febo* → pitonisa
para indagar do deus o que me cumpre agora
fazer para salvar de novo esta cidade.
E quando conto os muitos dias transcorridos
desde a partida dele, sinto-me inquieto
com essa demora estranha, demasiado longa.
Mas, quando ele voltar, eu não serei então
um homem de verdade se não fizer tudo
que o deus ditar por intermédio de Creonte." (pág.21)

Neste momento chega de viagem Creonte, *"coroado de bagas de loureiro*[5], *com aspecto alegre",* mas reluta em comunicar em público as resoluções dos deuses. Édipo insiste em que ele fale ali mesmo.

"ÉDIPO
Quero que fales diante dos tebanos todos;
Minha alma sofre mais por eles que por mim.

CREONTE
Revelarei então o que ouvi do deus.
Ordena-nos Apolo com total clareza
que libertemos Tebas de uma execração
oculta agora em seu benevolente seio,
antes que seja tarde para erradicá-la.

ÉDIPO
Como purificá-la? De que mal se trata?

CREONTE
Teremos de banir daqui um ser impuro
ou expiar morte com morte, pois há sangue
causando enormes males à nossa cidade.

ÉDIPO
Que morte exige expiação? Quem pereceu?

CREONTE
Laio, senhor, outrora rei deste país,
antes de seres aclamado soberano.

ÉDIPO
Sei, por ouvir dizer, mas nunca pude vê-lo.

CREONTE
Ele foi morto: o deus agora determina
que os assassinos tenham o castigo justo,
seja qual for a sua posição presente." (págs.23-24)

(...)

ÉDIPO (Dirigindo-se aos tebanos ajoelhados)
Vamos depressa, filhos! Vamos, levantai-vos
desses degraus! Levai convosco os vossos ramos
de suplicantes; quando decorrer o tempo
reúna-se de novo aqui a grei de Cadmo
e dedicar-me-ei de todo ao meu intento.
Querendo o deus, quando voltarmos a encontrar-nos
teremos satisfeito este nosso desejo,
pois o contrário será nossa perdição." (pág.26)

5. Nota do tradutor – O templo de Apolo em Delfos ficava num bosque de loureiros. Os consulentes do oráculo coroavam-se com um ramo de loureiro carregado de bagas.

Creonte esclarece que Laio havia sido morto quando *"ia ouvir o deus"* e que todos os seus companheiros haviam sido mortos também, *"salvo um que desapareceu com medo e pouco disse".* Édipo quer saber detalhes do relato da testemunha, que havia reportado que *"numerosas mãos se uniram para o crime"*. Édipo convoca todos a terem esperança na solução do crime contra Laio, cuja morte deseja elucidar, *"até porque o assassino, estando ainda incógnito, poderá querer com suas próprias mãos* (matá-lo) *também*".

Enquanto todos se retiram, o coro composto de "*cidadãos notáveis de Tebas"* resume a tragédia da cidade:

> "CORO
> *Ah! Quantos males nos afligem hoje!*
> *O povo todo foi contagiado*
> *e já não pode a mente imaginar*
> *recurso algum capaz de nos valer!*
> *Não crescem mais os frutos bons da terra;*
> *mulheres grávidas não dão à luz,*
> *aliviando-se de suas dores;*
> *sem pausa, como pássaros velozes,*
> *mais rápidas que o fogo impetuoso*
> *as vítimas se precipitam céleres*
> *rumo à mansão do deus crepuscular.*
> *Tebas parece com seus habitantes*
> *E sem cuidados, sem serem chorados,*
> *ficam no chão, aos montes, os cadáveres,*
> *expostos, provocando novas mortes.*
> *Esposas, mães com seus cabelos brancos,*
> *choram junto aos altares, nos degraus*
> *onde gemendo imploram compungidas*
> *o fim de tão amargas provações."* (pág.27)

O coro suplica a Zeus e à deusa Ártemis, guardiã de Tebas, que intercedam junto a Ares para poupar a cidade e também pede ajuda a Apolo e Baco.

Édipo reaparece, vindo do palácio, e ordena aos cidadãos do coro que revelem quem havia matado Laio, prometendo ao culpado, ao se denunciar, se tebano, no máximo o exílio. Como o coro não indica ninguém, Édipo decreta:

> "ÉDIPO
> *O criminoso ignoto, seja ele um só*
> *ou acumpliciado, peço agora aos deuses*
> *que viva na desgraça e miseravelmente!*
> *E se ele convive comigo sem que eu saiba,*
> *invoco para mim também os mesmos males*
> *que minhas maldições acabam de atrair*
> *inapelavelmente para o celerado!"* (pág.29)

O Rei declara lealdade a Laio, prometendo *"lutar por ele como por* (seu) *pai".* O Corifeu diz ter esperado que o oráculo houvesse revelado a identidade do culpado, mas Édipo prefere submeter-se aos deuses: *"São justas as tuas palavras, mas ninguém detém poder bastante para constranger os deuses a mudar os seus altos desígnios."* Não podendo contar com a colaboração de Apolo[6], o Corifeu propõe convocar *"Tirésias venerável, o profeta mais próximo de Febo",* providência que Édipo já havia tomado.

Entra Tirésias, *"idoso e cego, conduzido por um menino".* Édipo o saúda solicitando os seus vaticínios: *"Salva a cidade agora, salva-te a ti mesmo, salva-me a mim também, afasta de nós todos a*

6. Nota do resumidor – Apolo costumava dar pareceres ambíguos e incompletos, daí seu apelido de *Loxias* (o "oblíquo").

maldição que ainda emana do rei morto". Tirésias parece amargurado e pede para ser dispensado da tarefa: *"Manda-me embora! Assim suportarás melhor teu fardo e eu o meu."* Como Édipo insiste, Tirésias explica:

"TIRÉSIAS
Em minha opinião a tua longa fala
foi totalmente inoportuna para ti.
Então, para que eu não incorra em erro igual..." (pág.32)

Como o vidente resiste, Édipo o acusa de ter articulado e até mesmo consumado o crime contra Laio. Irritado, Tirésias proíbe Édipo de dirigir a palavra a ele e aquela gente ali, *"pois é um maldito* (ali)*"* e revela que Édipo é o verdadeiro assassino de Laio:

"ÉDIPO
Quanta insolência mostras ao falar assim!
Não vês que aonde quer que vás serás punido?

TIRÉSIAS
Sou livre; trago em mim a impávida verdade!

ÉDIPO
De quem a recebeste? Foi de tua arte?

TIRÉSIAS
De ti; forçaste-me a falar, malgrado meu.

ÉDIPO
Que dizes? Fala novamente! Vamos! Fala!
Não pude ainda compreender tuas palavras.

TIRÉSIAS
Não percebeste logo Queres que eu repita?

ÉDIPO
Parece-me difícil entender-te. Fala!

TIRÉSIAS
Pois ouve bem: és o assassino que procuras!" (págs.34-35)

Édipo não aceita a acusação, ameaça Tirésias e diz que a existência do vidente *"é uma noite interminável", "Jamais conseguirá fazer-me mal, Tirésias, nem aos demais que podem contemplar a luz."* Édipo inconformado, acusa o vidente de conspirar com seu cunhado Creonte.

"ÉDIPO
Bens deste mundo, e força, e superior talento,
dons desta vida cheia de rivalidades,
que imensa inveja provocais, preciosas dádivas!
Por causa do poder que Tebas me outorgou
como um presente, sem um gesto meu de empenho,
Creonte, em tempos ido amigo fiel,
agora se insinua insidiosamente
por trás de mim e anseia por aniquilar-me,
levado por um feiticeiro, charlatão,
conspirador que só tem olhos para o ouro
e é cego em sua própria arte e em tudo mais!" (pág.37)

Corifeu pede calma, mas Tirésias revida:

"TIRÉSIAS
Minha cegueira provocou injúrias tuas
pois ouve: os olhos teus são bons e todavia
não vês os males todos que te envolvem,
nem onde moras, nem com que mulher te deitas.
Sabes de quem nasceste? És odioso aos teus,

aos mortos como aos vivos, e o açoite duplo
da maldição de tua mãe e de teu pai
há de expulsar-te um dia em vergonhosa fuga
de nossa terra, a ti, que agora tudo vês
mas brevemente enxergarás somente sombras!
E todos os lugares hão de ouvir bem cedo
os teus lamentos; logo o Citéron inteiro
responderá aos teus gemidos dolorosos
quando afinal compreenderes em que núpcias
vivias dentro desta casa, onde encontraste
após viagem tão feliz um porto horrível.
Também ignoras muitas outras desventuras
que te reduzirão a justas proporções
e te farão igual aos filhos que geraste.
Sentir-te-ás um dia tão aniquilado
como jamais homem algum foi neste mundo!" (pág.38)

Antes de sair, Tirésias vaticina:

"TIRÉSIAS
Já me retiro mas direi antes de ir,
sem nada recear, o que me trouxe aqui,
pois teu poder não basta para destruir-me.
Agora ouve: o homem que vens procurando
entre ameaças e discursos incessantes
sobre o crime contra o rei Laio, esse homem, Édipo,
está aqui em Tebas e se faz passar
por estrangeiro, mas todos verão bem cedo
que ele nasceu aqui e essa revelação
não há de lhe proporcionar prazer algum;
ele, que agora vê demais, ficará cego;
ele, que agora é rico, pedirá esmolas
e arrastará seus passos em terras de exílio,
tateando o chão à sua frente com um bordão.
Dentro de pouco tempo saberão que ele
ao mesmo tempo é irmão e pai dos muitos filhos
com quem vive, filho e consorte da mulher
de quem nasceu; e que ele fecundou a esposa
do próprio pai depois de havê-lo assassinado." (pág.40)

O coro recusa-se a aceitar a acusação de Tirésias contra Édipo e exorta o povo a procurar o assassino em outro lugar. Apesar das dúvidas que o adivinho havia posto na cabeça do coro, este permanece confiante na inocência do Rei:

"CORO
Jamais, antes de ver ratificada
a fala do adivinho, darei crédito
à acusação lançada contra Édipo;
sim, foi aos olhos dos tebanos todos
que outrora a Esfinge veio contra ele
e todos viram que Édipo era sábio
e houve razões para que fosse amado
por nosso povo. Diante desses fatos
jamais o acusarei de qualquer crime." (pág.41)

Sai Tirésias guiado pelo menino e entra Creonte agitado por conta das acusações de conspiração que lhes havia lançado o Rei que, emergindo do palácio, reitera. Creonte exige o direito de defender-se, mas Édipo, considerando que, na época do assassinato, Tirésias não havia dito nada, conclui que seu cunhado e o vidente haviam combinado tudo e esta era a razão de Creonte o ter convencido a

procurar Tirésias. O Rei vê os dois mancomunados para tomar-lhe o poder. Creonte contra-argumenta dizendo que já tinha todo o poder que queria, como irmão da rainha, e desafia Édipo a consultar o oráculo: *"Fere a justiça apelidar levianamente os bons de maus e os maus de bons".* Chega Jocasta que intervém na discussão:

> "JOCASTA
> *Por que vos enfrentais nessa disputa estéril*
> *desaventurados? Não pensais? E não corais,*
> *de pejo por alimentar vossas querelas*
> *em meio a tais calamidades para Tebas?"* (pág.49)

Jocasta, secundada pelo coro, insiste com Édipo que aceite a palavra de Creonte, o que ele faz contrariado, prometendo que *"*(seu) *ódio há de segui-lo sempre!"* Creonte comenta:

> "CREONTE
> *Vejo que cedes contrafeito*
> *mas te censurarás mais tarde,*
> *quando essa cólera passar.*
> *Temperamentos como o teu*
> *atraem sempre sofrimentos."* (págs.51-52)

Creonte diz que deixará Tebas e sai. Enquanto isso, o Corifeu relata os acontecimentos à Rainha que tenta minimizar a capacidade dos adivinhos:

> "JOCASTA
> *Não há razões, então, para inquietação;*
> *ouve-me atentamente e ficarás sabendo*
> *que o dom divinatório não foi concedido*
> *a nenhum dos mortais, em escassas palavras*
> *vou dar-te provas disso. Não direi que Febo,*
> *mas um de seus intérpretes, há muito tempo*
> *comunicou a Laio, por meio de oráculos,*
> *que um filho meu e dele o assassinaria*[7]*;*
> *pois apesar desses oráculos notórios*
> *todos afirmam que assaltantes de outras terras*
> *mataram Laio há anos numa encruzilhada.*
> *Vivia nosso filho seu terceiro dia*
> *quando rei Laio o amarrou os tornozelos*
> *e o pôs em mãos de estranhos, que o lançaram logo*
> *em precipícios da montanha inacessível.* → Monte Cíteron
> *Naquele tempo Apolo não realizou*
> *as predições: o filho único de Laio*
> *não se tornou o matador do próprio pai;*
> *não se concretizaram as apreensões do rei*
> *que tanto receava terminar seus dias*
> *golpeado pelo ser que lhe devia a vida.*
> *Falharam os oráculos, o próprio deus*
> *evidencia seus desígnios quando quer,*
> *sem recorrer a intérpretes, somente ele."* (págs.54-55)

Édipo fica muito perturbado ao ouvir o relato de sua mulher e quer saber exatamente onde havia ocorrido a morte de Laio. Pesaroso, fica sabendo que havia sido na encruzilhada em Fócis, para onde as estradas de Delfos e Dáulia convergem. Crescentemente angustiado, pede que Jocasta descreva o ex-marido. Ela resume: *"Ele era alto, seus cabelos começavam a pratear-se. Laio tinha traços teus."* Édipo começa a cair na realidade.

---

7. Nota do resumidor – A origem do vaticínio sobre a linhagem tebana é a maldição de morrer sem filhos que Pélops lançara sobre Laio por ter este, na juventude, abusado sexualmente de Crísipo, filho daquele.

"ÉDIPO
Ai! Infeliz de mim! Começo a convencer-me
de que lancei contra mim mesmo, sem saber,
as maldições terríveis pronunciadas hoje!

(...)

É horrível! Temo que Tirésias, mesmo cego,
tenha enxergado, mas ainda quero ouvir
uma palavra tua para esclarecer-me." (pág.56)

Édipo continua o interrogatório e quer saber quantos havia na escolta do Rei. Ao saber que eram cinco, cada vez mais abalado conclui:

"ÉDIPO
Ah! Deuses! Tudo agora é claro! Mas, quem foi
Que outrora te comunicou esses detalhes?

JOCASTA
Um serviçal que se salvou, ao regressar.

ÉDIPO
Inda se encontra no palácio esse criado?

JOCASTA
Não. Ao voltar, vendo-te no lugar de Laio,
tomou-me as mãos e suplicou-me que o mandasse
aos campos para apascentar nossos rebanhos,
pois desejava estar bem longe da cidade.
Fiz-lhe a vontade, pois o servo parecia
merecedor de recompensa inda maior.

ÉDIPO
Será possível tê-lo aqui em pouco tempo?" (pág.57)

Enquanto o pastor-testemunha é chamado, Jocasta quer uma palavra dele sobre os seus receios. Édipo relata:

"ÉDIPO
Meu pai é Políbo, coríntio, minha mãe,
Mérope, dórica. Todos consideravam-me
o cidadão mais importante de Corinto.
Verificou-se um dia um fato inesperado,
motivo de surpresa enorme para mim
embora no momento não me preocupasse,
dadas as circunstâncias e os participantes.
Foi numa festa; um homem que bebeu demais
embriagou-se e logo, sem qualquer motivo,
pôs-se a insultar-me e me lançou o vitupério
de ser filho adotivo. Depois revoltei-me;
a custo me contive até finar o dia.
Bem cedo, na manhã seguinte, procurei
meu pai e minha mãe e quis interrogá-los.
Ambos mostraram-se sentidos com o ultraje,
mas inda assim o insulto sempre me doía;
gravara-se profundamente em meu espírito.
Sem o conhecimento de meus pais, um dia
fui ao oráculo de Delfos, mas Apolo
não se dignou a desfazer as minhas dúvidas;
anunciou-me claramente, todavia,
maiores infortúnios, trágicos, terríveis;
eu me uniria um dia à minha própria mãe

e mostraria aos homens descendência impura
depois de assassinar o pai que me deu vida.
Diante dessas predições deixei Corinto
Guiando-me pelas estrelas, à procura
de pouso bem distante, onde me exilaria
e onde jamais se tornariam realidade
– assim pensava eu – aquelas sordidezas
prognosticadas pelo oráculo funesto.
Cheguei um dia em minha marcha ao tal lugar
onde, segundo dizes, o rei pereceu.
E a ti, mulher, direi toda a verdade agora.
Seguia despreocupado a minha rota;
quando me aproximei da encruzilhada tríplice
vi um arauto à frente de um vistoso carro
correndo em minha direção, em rumo inverso;
no carro viajava um homem já maduro
com a compleição do que me descreveste há pouco.
O arauto e o próprio passageiro me empurraram
com violência para fora do caminho.
Eu, encolerizado, devolvi o golpe
do arauto, o passageiro, ao ver-me reagir
aproveitou o momento em que me aproximei
do carro e me atingiu com um dúplice aguilhão,
de cima para baixo, em cheio na cabeça.
Como era de esperar, custou-lhe caro o feito:
no mesmo instante, valendo-me de meu bordão
com esta minha mão feri-o gravemente.
Pendendo para o outro lado, ele caiu.
E creio que também matei seus guardas todos.
Se o viajante morto era de fato Laio,
quem é mais infeliz que eu neste momento?
Que homem poderia ser mais odiado
pelos augustos deuses? Estrangeiro algum,
concidadão algum teria o direito
de receber-me em sua casa, de falar-me;
todos deveriam repelir-me.
E o que é pior, fui eu, não outro qualquer,
quem pronunciou as maldições contra mim mesmo.
Também maculo a esposa do finado rei
ao estreitá-la nestes braços que o mataram!
Não sou um miserável monstro de impureza?
E terei de exilar-me e em minha vida errante
não poderei jamais voltar a ver os meus
nem pôr de novo os pés no chão de minha pátria,
pois se o fizesse os fados me compeliriam
a unir-me à minha mãe e matar o rei Políbo,
meu pai, a quem eu devo a vida e tudo mais!
Não, não, augusta majestade de meus deuses!
Fazei com que esse dia nunca, nunca chegue!
Fazei com que se acabe a minha vida antes
de essa vergonha imensa tombar sobre mim!" (págs.58-60)

O Corifeu e o coro depositam a última esperança de reverter a terrível hipótese na única testemunha, que teria de desmentir sua descrição inicial de *"vários assaltantes",* condição necessária para incriminar Édipo. Enquanto o casal real sai, o coro pede ao destino que lhe poupe da *hübris:* → orgulho humano desmedido

"CORO
Seja-me concedido pelos fados
compartilhar da própria santidade
não só em todas as minhas palavras
como em minhas ações, sem exceção,
moldadas sempre nas sublimes leis
originárias do alto céu divino.
Somente o céu gerou as santas leis;
não poderia a condição dos homens,
simples mortais, falíveis, produzi-las.
Jamais o olvido as adormecerá;
há um poderoso deus latente nelas,
eterno, imune ao perpassar do tempo.
O orgulho é o alimento do tirano;
quando ele faz exagerada messe
de abusos e temeridades fátuas
inevitavelmente precipita-se
dos píncaros no abismo mais profundo
de males de onde nunca mais sairá.
A emulação, porém, pode ser útil
se visa ao benefício da cidade;
que a divindade a estimule sempre
e não me falte a sua proteção.
Mas o homem que nos atos e palavras
se deixa dominar por vão orgulho
sem recear a obra da justiça
e não cultua propriamente os deuses
está fadado a doloroso fim,
vítima da arrogância criminosa
que o induziu a desmedidos ganhos,
a sacrilégios, à loucura máxima
de profanar até as coisas santas.
Quem poderá, então, vangloriar-se,
onde tais atentados têm lugar,
de pôr-se a salvo dos divinos dardos?" (págs.61-62)

Chega um mensageiro procurando pelo rei Édipo. O Corifeu indica: *"Vês o palácio dele; o rei está lá dentro; à tua frente está sua mulher e mãe dos filhos dele.".*[8]

O mensageiro vinha de Corinto anunciar que com a morte do velho Políbo, *"os habitantes todos de Corinto querem fazer de Édipo seu rei".* Jocasta vê bons augúrios na notícia porque *"o rei Édipo exilou-se apenas por temor de destruir um dia a vida desse homem* (Políbo) *agora morto pelos fados, não por ele!"* Édipo sente-se aliviado também:

"ÉDIPO
Por quê, mulher, devemos dar tanta atenção
ao fogo divinal da profetisa pítica
ou, mais ainda, aos pios das etéreas aves?
Segundo antigas predições eu deveria
matar meu próprio pai; agora ele repousa
debaixo da pesada terra e quanto a mim
não pus as mãos ultimamente em qualquer arma.

(Ironicamente)

---

8. Nota do resumidor – Os filhos de Édipo e Jocasta são Polinices, Antígona e Ismene, segundo a ordem geralmente aceita.

(Ele foi vítima, talvez, da grande mágoa
que minha ausência lhe causou; somente assim
eu poderia motivar a sua morte...)
De qualquer forma Pólibo pertence agora
ao reino de Hades e também levou com ele
as tristes profecias. Não, esses oráculos
carecem todos de qualquer significado." (pág.66)

O mensageiro quer entender o caso e Édipo resume a maldição que paira sobre sua vida, explicando sua fuga de Corinto: *"Eu não queria assassinar meu velho pai".* No entanto, apesar da morte de Pólibo, Édipo não quer voltar a Corinto, porque sua mãe ainda vivia e ele receava que a outra metade da profecia se cumprisse. Jocasta tenta acalmá-lo: *"Não deve amedrontar-te, então, o pensamento desta união com a tua mãe, muitos mortais já em sonhos já subiram ao leito materno."* O mensageiro, no entanto, revela não haver tal risco: *"Pois ouve bem: não é de Pólibo o teu sangue!"* e conta como ele (o mensageiro) o havia recolhido quando recém-nascido deixado para morrer no Citéron, *"num vale escuro"*, e que havia recebido em estado deplorável (*"teus tornozelos inda testemunham isso*[9]*"*), de um pastor, *"servidor de Laio",* que recebera o menino da própria mãe, a rainha Jocasta.

O Corifeu nota que este tal pastor poderia ser o mesmo já convocado para esclarecer a morte de Laio.

Édipo está agora perto de conhecer a verdade sobre a própria vida, apesar dos protestos crescentes de Jocasta que pressente o pior: *"Ah! Infeliz! Nunca, jamais saibas quem és!"* A Rainha, antes da chegada do pastor, precipita-se em direção ao palácio. Édipo julga que por medo de descobrir uma ascendência pobre no marido.

Chega o pastor, já ancião, e o mensageiro de Corinto confirma ter sido aquele mesmo que lhe entregara o menino. O velho pastor, por sua vez, reluta em conhecer o mensageiro e finge não ouvir uma pergunta sobre a criança que lhe havia entregue na época. Édipo ameaça e ele cede, confirmando a história. Depois de muita hesitação, o pastor revela que o menino era filho do próprio rei Laio. A verdade se estabelece:

"PASTOR
Quanta tristeza! É doloroso de falar!

ÉDIPO
Mais doloroso de escutar, mas não te negues.

PASTOR
Seria filho dele, mas tua mulher
que deve estar lá dentro sabe muito bem
a origem da criança e pode esclarecer-nos.

ÉDIPO
Foi ela mesma a portadora da criança?

PASTOR
Sim, meu senhor; foi Jocasta, com as próprias mãos.

ÉDIPO
Por que teria ela agido desse modo?

PASTOR
Mandou-me exterminar a tenra criancinha.

ÉDIPO
Sendo ela a própria mãe? Não te parece incrível?

PASTOR
Tinha receio de uns oráculos funestos.

---

9. Nota do resumidor – Édipo significa "pés inchados", resultado de Laio tê-los amarrados com uma corda antes de o mandar expor.

ÉDIPO
E quais seriam os oráculos? Tu sabes?

PASTOR
Diziam que o menino mataria o pai.

ÉDIPO (indicando o mensageiro)
Por que deste o recém-nascido a este ancião?

PASTOR
Por piedade, meu senhor; pensei, então,
que ele o conduziria a um lugar distante
de onde era originário; para nosso mal
ele salvou-lhe a vida. Se és quem ele diz,
julgo-te o mais infortunado dos mortais!

ÉDIPO (transtornado)
Ai de mim! Ai de mim! As dúvidas desfazem-se!
Ah! Luz do sol. Queiram os deuses que esta seja
a derradeira vez que te contemplo! Hoje
tornou-se claro a todos que eu não poderia
nascer de quem nasci, nem viver com quem vivo
e, mais ainda, assassinei quem não devia!" (págs.81-82)

Depois que Édipo, mensageiro e pastor saem, o coro lento e triste, resume sua indignação:

"CORO
Édipo ilustre, muito querido!
Tu és o filho que atravessou
a mesma porta por onde antes
teu pai entrara; nela te abrigas
num matrimônio jamais pensado!
Como puderam, rei meu senhor,
as sementeiras do rei teu pai → a mãe
dar-te acolhida, silenciosas,
por tanto tempo? Como, infeliz?" (pág.83)

Chega um criado do palácio, *"com expressão de assombro",* para comunicar a morte de Jocasta, sofrimento ainda maior *"quando autor e vítima são uma só pessoa"*, Édipo não havia conseguido evitar o enforcamento a tempo. O relato progride para o acontecido com Édipo, depois da morte de sua "mãe-mulher":

"CRIADO
Ao contemplar o quadro, entre urros horrorosos
o desditoso rei desfez depressa o laço
que a suspendia; a infeliz caiu por terra.
Vimos, então, coisas terríveis. De repente
o rei tirou das roupas dela uns broches de ouro
que as adornavam, segurou-os firmemente
e sem vacilação furou os próprios olhos,
gritando que eles não seriam testemunhas
nem de seus infortúnios nem de seus pecados:
'nas sombras em que viverei de agora em diante',
dizia ele, 'já não reconhecereis
aqueles que não quero mais reconhecer!'
Vociferando alucinado, ainda erguia
as pálpebras e desferia novos golpes.
O sangue que descia em jatos de seus olhos
molhava toda a sua face, até a barba;
não eram simples gotas, mas uma torrente,
sanguinolenta chuva em jorros incessantes.

São ele e ela os causadores desses males,
e os infortúnios do marido e da mulher
estão inseparavelmente entrelaçados.
Ambos provaram antes a felicidade,
herança antiga; hoje lhes restam só gemidos,
vergonha, maldição e morte, ou, em resumo,
todos os males, todos, sem faltar um só." (pág.86)

Aparece Édipo com os olhos vazados, vindo do palácio, e diz:

"ÉDIPO
Ai de mim! Como sou infeliz!
Aonde vou? Aonde vou? Em que ares
minha voz se ouvirá? Ah! Destino!...
Em que negros abismos me lanças?

(...)

Nuvem negra de trevas, odiosa,
que tombaste do céu sobre mim,
indizível, irremediável,
que não posso, não posso evitar!
Infeliz! Infeliz outra vez!
Com que ponta aguçada me ferem
o agulhão deste meu sofrimento
e a lembrança de minhas desgraças?" (págs.87-88)

O Corifeu o repreende por ter cegado os olhos (*"Terríveis atos praticaste! Como ousaste cegar teus próprios olhos? Qual das divindades deu-te coragem para ir a tais extremos?"*), mas Édipo lamenta o seu destino:

"ÉDIPO
Por que vive esse <u>*homem*</u> *que outrora* → o pastor
num recanto deserto livrou
os meus pés das amarras atrozes
e salvou-me da morte somente
para ser infeliz como sou?
Se eu tivesse morrido mais cedo
não seria o motivo odioso
de aflição para meus companheiros
e também para mim nesta hora!

(...)

E jamais eu seria assassino
de meu pai e não desposaria
a mulher que me pôs neste mundo.
Mas os deuses desprezam-me agora
por ser filho de seres impuros
e porque fecundei – miserável! –
as entranhas de onde sai!
Se há desgraça pior que a desgraça,
ela veio atingir-me, a mim, Édipo!" (pág.89)

(...)

"*Depois de ter conhecimento dessa mácula*
que pesa sobre mim, eu poderia ver
meu povo sem baixar os olhos? Não! E mais:
se houvesse ainda um meio de impedir os sons
de me chegarem aos ouvidos eu teria
privado meu sofrido corpo da audição

a fim de nada mais ouvir e nada ver,
pois é um alívio ter o espírito insensível
à causa de tão grandes males, meus amigos." (pág.90)

(Pausa)

"(...) *Ah! <u>Himeneu</u>! Deste-me a existência* → leito nupcial
e como se isso não bastasse inda fizeste
a mesma sementeira germinar de novo!
Mostraste ao mundo um pai irmão dos próprios filhos,
filhos-irmãos do próprio pai, esposa e mãe
de um mesmo homem, as torpezas mais terríveis
que alguém consiga imaginar. Mostraste-as todas!" (pág.91)

Entra Creonte, sucessor de Édipo, e este lhe pede para ser lançado *"fora desta terra bem depressa, em um lugar onde jamais* (lhe) *seja dado a ser humano algum e ser ouvido".* Como a lei manda matar os patricidas, Creonte precisa indagar o oráculo sobre o que fazer. Édipo quer ser exilado para o monte Citéron, *"a pátria triste que meus pais me destinaram para imutável túmulo quando nasci".*

"ÉDIPO
Jamais permitas, quanto a mim, que eu inda habite
a terra de meus ancestrais; deixa-me antes
viver lá nas montanhas, lá no Citéron,
a pátria triste que meus pais me destinaram
para imutável túmulo quando nasci,
assim eu morrerei onde eles desejaram.
Há uma coisa, aliás, que tenho como certa:
não chegarei ao fim da vida por doença
nem males semelhantes, pois se me salvei
da morte foi para desgraças horrorosas.
Mas siga então seu curso meu destino trágico,
qualquer que seja ele. Quanto aos filhos meus
varões, não devem preocupar-te, pois são homens;
onde estiverem não carecerão jamais
de nada para subsistir; mas minhas filhas
tão infelizes, dignas de tanta piedade,
que partilharam de minha abundante mesa,
e cujas mãos eu dirigi aos pratos próprios,
zela por elas, peço-te por tudo, e deixa-me
tocá-las uma vez ainda com estas mãos
a deplorar a sua desventura enorme!
Atende-me, Creonte, rei de raça nobre!
Sentindo-as pelo toque destas minhas mãos,
Creria que inda as tenho como quando as via." (págs.93-94)

Entram Antígona e Ismene, ainda crianças, trazidas por uma criada. Édipo entrega as filhas aos cuidados de Creonte, agora "pai" delas e recomenda às filhas que vivam uma *"existência mais feliz"* que a dele. Quando Creonte faz menção de levar as meninas embora, Édipo suplica:

"ÉDIPO
Não as tire de mim, por favor!

CREONTE
Não pretendas mandar.
Teu poder de outros tempos agora deixou de existir.

Édipo, conduzido por Creonte, encaminha-se lentamente para o palácio, seguido a certa distância pelas filhas e pela criada.

CORIFEU
Vede bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos!

Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos;
ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes
em seus dias passados de prosperidade invulgar.
Em que abismos de imensa desdita ele agora caiu
Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos
não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade
antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante
sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!" (pág.97)

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos foram adaptados de "A Trilogia Tebana, Jorge Zahar Editor, 2004, Rio de Janeiro, tradução de Mário da Gama Kury).